



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU METODOLOGIAS
INTERDISCIPLINARES E INTERCULTURAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL
E MÉDIO**

ELENILSON GOMES DOS SANTOS

**A ARTE, CORPO E ESPIRITUALIDADE E AS RELAÇÕES COM O CURRÍCULO
INTERDISCIPLINAR E INTERCULTURAL NA ESCOLA INDÍGENA MANOEL
FRANCISCO DOS SANTOS.**

REDENÇÃO- CE

2022

ELENILSON GOMES DOS SANTOS

A ARTE, CORPO E ESPIRITUALIDADE E AS RELAÇÕES COM O CURRÍCULO
INTERDISCIPLINAR E INTERCULTURAL NA ESCOLA INDÍGENA MANOEL
FRANCISCO DOS SANTOS.

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado ao
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu
Metodologias Interdisciplinares e Interculturais
para o Ensino Fundamental e Médio como
requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Linconly Jesus Alencar
Pereira

REDENÇÃO-CE

2022

RESUMO

Com base em observações realizadas na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, como está organizada sua matriz curricular e as disciplinas que a fazem, percebe-se que há uma descontinuidade do ensino da disciplina de Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena. A disciplina está presente apenas na educação infantil e ensino fundamental anos iniciais, ficando o ensino fundamental anos finais e Ensino Médio sem acesso a ela, ressalta-se a importância da mesma como garantia de uma educação diferenciada pautada na Interdisciplinaridade e Interculturalidade, garantido assim uma educação específica e diferenciada para o povo Kanindé, além da vivência como professor indígena, busco também analisar como e quais os impactos ocasionados pela supressão da disciplina que ora deixa de estabelecer o contato com as vivências e saberes indígenas do seu povo, para responder aos anseios de construção de um currículo escolar indígena específico, diferenciado autônomo e descolonizador, e tem como objetivo, promover práticas interdisciplinares e interculturais do ensino através da Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena no Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, a metodologia utilizada foi rodas de conversas com alunos e troncos velhos da aldeia e entrevistas com lideranças indígenas.

Palavras-chave: Interculturalidade; Currículo; Diferenciado; Educação;

ABSTRACT

Based on observations made at the Manoel Francisco dos Santos Indigenous School, how its curricular matrix and the disciplines that make it are organized, it is clear that there is a discontinuity in the teaching of the discipline of Art, Corporal Expression, Culture and Indigenous Spirituality. The discipline is present only in early childhood education and elementary school, with elementary school final years and high school without access to it, it is emphasized the importance of it as a guarantee of a differentiated education based on Interdisciplinarity and Interculturality, thus guaranteeing an education specific and differentiated for the Kanindé people, in addition to the experience as an indigenous teacher, I also seek to analyze how and what are the impacts caused by the suppression of the discipline Art, Corporal Expression, Culture and Indigenous Spirituality that now fails to establish contact with indigenous experiences and knowledge. of its people, as a way of responding to the anxieties of building a specific indigenous school curriculum, autonomous and decolonizing.

Keywords: Interculturality; Curriculum; Differentiated; Education;

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	8
2.1	Objetivo Geral	8
2.2	Objetivos Específicos	8
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA	8
3.1	Museus x escola e a presença da interculturalidade e interdisciplinaridade nos processos de educação do povo Kanindé.....	13
3.2	No chão da Aldeia	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
5	REFERÊNCIAS	18
	ANEXOS	19

INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade e interculturalidade no ensino de Arte, Corpo e Espiritualidade e as relações com o Currículo Interdisciplinar e Intercultural na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, é o tema central da intervenção pedagógica do trabalho que se propõem, considerando a necessidade de uma educação específica e diferenciada para a escola indígena do povo Kanindé.

Os desafios na inserção de conteúdos indígenas na matriz curricular da escola e também no Sistema integrado de Gestão Escolar (SIGE ESCOLA) vinculado a Secretaria de Educação do Ceará, descaracteriza o que para comunidade escola é essencial para se ter uma educação interdisciplinar e intercultural, acredito que o caminho para garantia que estes alunos, possam ter acesso à multiplicidade dos saberes indígenas na aldeia.

A intervenção é proposta na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, que está localizada no Sítio Fernandes, a 6 km do município de Aratuba, no estado do Ceará. A escola foi criada com a perspectiva de criação de um espaço totalmente indígena, para atender crianças e jovens vítimas de racismo na escola municipal existente na aldeia.

Figura 1 – Sede da primeira escola do povo Kanindé.



Fonte: próprio autor (2019)

O movimento foi encabeçado por Elenilson Gomes, adolescente na época, vítima de racismo na escola onde estudava com seus primo Suzenilson Santos liderou um movimento comunitário pela libertação educacional de seu povo, apoiado por lideranças, cacique, e pais de aluno nasce a escola diferenciada no território do

povo Kanindé em Aratuba, fortalecidos sobretudo com as falas do cacique Sotero que diz.

“Sofríamos preconceito por parte de alguns funcionários da escola municipal que não aceitavam a ideia de estarmos ocupando um espaço que por direito já era nosso, mas isso só fortalecia a nossa luta, criávamos mais coragem para lutar por nossos direitos e buscamos juntos aos órgãos competentes que fossemos, pois as lideranças que tomar essa atitude para que fosse aceita a ideia de ocupar o espaço escolar”. (cacique Sotero).

A intervenção pedagógica é proposta por Elenilson Gomes dos Santos, com magistério em Educação Escola Indígena pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará 2006. Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú 2009, especialização em gestão e coordenação escolar pela Faculdade Kurios 2013, cursos de extensão em Administração Pública Municipal 2014, Recursos Financeiros e Patrimoniais, Planejamento e Execução Financeira Pública, Planejamento e Gestão no Cotidiano Escolar, Identidade, Sociedade e Cultura 2017.

Ingressou na educação escolar indígena ainda adolescente, na educação de jovens e adultos indígenas, cresceu na luta sempre ao lado de seu pai Cicero Pereira e seu tio o cacique Sotero, atuou em sala de aula de Educação Infantil, ensino fundamental e ensino médio, atuante no movimento indígena do estado do Ceará, ocupou funções em várias organizações de políticas indígenas como: COPICE, APOIME e OPRINCE.

Mais o que destaca sua vida na aldeia é a luta por uma educação específica e diferenciada para seu povo, quando diretor da escola travou diversas lutas e enfrentamento com a secretaria de educação do estado, sempre na busca por melhorias educacionais desde formação de professores a espaço adequado para formação dos pequenos da aldeia como mostra foto a seguir.

Figura 2 – Mosaico da vista panorâmica da Escola Indígena do povo Kanindé (2021) e fachada principal (2022).



Fonte: Próprio autor (2021/2022)

A intervenção pedagógica se justifica pela necessidade, que a escola tem de manter vivas suas manifestações culturais no que se refere aos ritos, crenças e cultura, acredito que com a disciplina arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena, possamos garantir uma educação diferenciada em todas as etapas da educação básica para os Kanindés de Aratuba.

Sendo inclusive reconhecido o direito dos índios de manterem a sua identidade cultural na educação, como é pautado na Constituição de 1988, que garante, no artigo 210, o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, ficando o estado responsável por salvaguardar a proteção das manifestações da cultura indígena.

Com isso, se abre a possibilidade para que a escola indígena se constitua em instrumento diferenciado para valorização da língua indígena e dos saberes dos troncos velhos da aldeia. Diante disto, a escola assume o papel de mediadora dos conhecimentos indígenas na comunidade onde os povos indígenas são responsáveis pela formação e perpetuação da sua cultura.

2 OBJETIVOS.

2.1 Objetivo Geral

- Promover práticas interdisciplinares e interculturais do ensino através da Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena no ensino fundamental anos finais e Ensino Médio na escola do povo kanindé.

2.2 Objetivos Específicos.

- Garantir que os saberes contidos na disciplina Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena estejam presentes na matriz curricular do ensino fundamental anos finais e ensino médio.
- Promover potencializar o diálogo entre os saberes indígenas do povo Kanindé de Aratuba e as disciplinas presentes no ensino fundamental e médio, as disciplinas do ensino fundamental anos finais e médio, para a garantia dos valores ancestrais na educação diferenciada indígena.
- Fortalecer o processo de construção do projeto político pedagógico de modo que os conhecimentos, as práticas cotidianas e as vivências ancestrais do povo Kanindé de Aratuba estejam presentes neste documento.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Desenvolveremos nossa intervenção pedagógica a partir da perspectiva de que para haver interdisciplinaridade e interculturalidade é preciso organizar um currículo contextualizado com a perspectiva intercultural indígena, que seja flexível e significativo para os/as alunos/as, para a escola e toda a comunidade envolvida no processo educativo. Pautamos nossas ações com base no diálogo entre os saberes ancestrais e as vivências do povo Kanindé de Aratuba, para este fim foi necessário acompanhar aulas em todas as etapas ofertadas na escola, com o objetivo de observar como a disciplina de Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena age no ensino fundamental I, e principalmente observar os impactos na formação diferenciada dos alunos do ensino fundamental II e médio com a ausência da disciplina em seu currículo escolar.

Abrir essas possibilidades através do diálogo contextualizado, possibilitará aos/as estudantes reflexões e entendimentos acerca da relação ensino e aprendizagem dos saberes tradicionais da nossa comunidade, de modo que essa transposição seja em uma perspectiva de construção ou fortalecimento das identidades indígenas.

Essa intervenção perpassa pela perspectiva de potencializar a construção de um cenário propício ao conhecimento de saberes e práticas da nossa comunidade. Refletir, analisar, observar, ser pesquisador/a torna-se não só um grande desafio, mas uma necessidade urgente mediante as estruturas de manutenção da colonialidade do racismo e do genocídio dos povos indígenas.

Demarcar ações transgressoras e educativas através das nossas práticas pedagógicas interdisciplinares e interculturais em sala de aula, no currículo da escola e no PPP nos possibilita a compreensão de um ponto de reposicionamento cognitivo mediante a atual crise planetária em que nós povos indígenas somos alvo de genocídio.

O povo indígena Kanindé habita as Zonas Rurais dos municípios de Aratuba (Aldeia Fernandes e Aldeia Balança “Pé da serra”), e Canindé (Aldeia Gameleira), perfazendo um total de 1.101 pessoas em aproximadamente 285 famílias em 249 residências nas três localidades no estado do Ceará, segundo os dados do cadastro de indígenas realizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) Coordenação Regional Nordeste II no ano de 2010.(Sistema de Controle demográfico – Coordenação Regional Fortaleza). (GOMES 2012, p 12.)

Na história dos Kanindé às três comunidades que formam o povo, uma localizada no sertão de Canindé (Aldeia Gameleira) e as outras duas na descida da serra de Baturité (Aldeia Fernandes e Aldeia Balança). Todas elas se caracterizam por ter uma relação muito forte de consanguinidade que demonstra uma genealogia comum ao longo de sua existência, principalmente física e cultural. Gomes (2012), os Kanindé de Aratuba liderados por cacique se organizam enquanto povo indígena em 1995.

A partir de contato com outras etnias do Ceará, de forma bem mais forte com os Tremembés de Almofala, estimulados pela entidade indigenista Associação Missão Tremembé (AMIT). a partir deste momento, nasce a mobilização pela afirmação étnica, pela demarcação do território, saúde, educação diferenciada, memória.

Os Kanindé são considerados na historiografia como sendo um povo nômade da grande nação dos Tarairiú, chamados em muitas fontes de Tapuias, que ocupavam diversas áreas do sertão das capitânicas de Pernambuco, Paraíba, Itamaracá e Rio Grande do Norte. Entraram definitivamente na História do Brasil Colonial quando um de seus principais, chefe indígena Canindé, que liderava os Janduís aos quais faziam parte deste grupo também os Kariri, no século XVII, forçou a assinatura de um tratado de paz com o rei de Portugal, Dom Pedro I. (GOMES 2012, p. 8).

O momento mais significativo do processo investigativo para proposição da intervenção pedagógica na escola, foi onde discutimos a importância da ancestralidade no currículo escolar, os alunos relatam em sua transição do Ensino Fundamental Anos Iniciais para o Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, do quanto fica vazio sem a disciplina de Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena, se sentem sem identidade em sala de aula, perdem a conexão com a ancestralidade de seu povo.

Já as lideranças relatam perder o contato direto com os guardiões da memória, há uma descaracterização do verdadeiro sentido de uma educação diferenciada, afirmam ainda que esta disciplina deveria estar em todas as salas (turma), da escola, como garantia de uma educação indígena verdadeira e que sirva para o engrandecimento do povo, Cicero Kanindé.

Com a afirmação da liderança Cicero, podemos concluir ser necessário que o currículo da escola seja contemplado em todos os níveis de ensino com a disciplina de Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena, garantindo deste modo que os alunos não percam o contato com as vivências da aldeia em sala de

aula. Como traz, DOS SANTOS 2016, o contado com as práticas culturais e religiosas é fundamental para o pleno desenvolvimento do aluno Kanindé na escola e comunidade

Hoje na Escola, a disciplina de Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena só está presente na educação infantil e ensino fundamental anos iniciais, ficando todo ensino fundamental anos finais e médio sem a disciplina, isso significa que os alunos não tem contado com as práticas e vivências dentro da escola, com isso podemos afirmar, que há uma fragmentação na educação diferenciada. como manda a legislação brasileira, quanto a educação para populações indígenas. Assim os educadores indígenas apelam para o conhecido currículo oculto, forma mais comum de dar ênfase ao estudo contextualizado a populações indígenas.

Já os professores afirmam que a supressão desta disciplina no ensino fundamental anos finais e ensino médio é prejudicial à formação dos estudantes, pois é justamente neste período que a formação moldará o indígena para luta, e a escola tem papel fundamental neste contexto, as lutas, as vivências, os rituais, visto não só como parte da cultura mais como ciências e como estas podem ser utilizadas para o fortalecimento do povo e da luta.

A escola tem feito sua parte em propor a inclusão de disciplinas indígenas no programa de formação destas turmas, todavia há impossibilidade de inclusão devido à falta de legislação estadual que apare as diversas solicitações, fato é que não tem caminhado para uma resolução do problema, indo inclusive contra o que diz a legislação para educação indígena, e como é preconizado no RCNEI.

Os princípios contidos nas leis dão abertura para a construção de uma nova escola, que respeite o desejo dos povos indígenas de uma educação que valorize suas práticas culturais e lhes dê acesso a conhecimentos e práticas de outros grupos e sociedades. Uma normatização excessiva ou muito detalhada pode, ao invés de abrir caminhos, inibir o surgimento de novas e importantes práticas pedagógicas e falhar no atendimento a demandas particulares colocadas por esses povos. A proposta da escola indígena diferenciada representa, sem dúvida alguma, uma grande novidade

no sistema educacional do país, exigindo das instituições e órgãos responsáveis a definição de novas dinâmicas, concepções e mecanismos, tanto para que essas escolas sejam de fato incorporadas e beneficiadas por sua inclusão no sistema, quanto respeitadas em suas particularidades” (BRASIL, 1998, p. 34).

Conhecer a legislação sobre a Educação Escolar Indígena é o único caminho para, minimamente, tentar driblar os impasses que marcam a relação dos povos indígenas com o direito à educação diferenciada. As lutas, retomadas e ocupações, até o momento, de acordo com Grupioni (2002), são o único caminho conhecido pelos indígenas para garantia destes direitos, sendo insistentemente usurpados pela sociedade branca, que teima em implantar termos e ações branqueadoras na tentativa forçada de aculturar estes povos em um eterno processo de catequese educacional.

O foco de nossa intervenção foi mostrar para a escola as relações que existem no uso da arte, do corpo e espiritualidade indígena na elaboração de um currículo interdisciplinar e intercultural na escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, onde estes elementos culturais estejam presentes em todas as etapas e níveis da formação do alunado indígena da escola.

A presença de conteúdos e práticas culturais ligados a arte do saber fazer, o artesanato, os instrumentos de caça e pesca, a dança, a musicalidade e instrumentos para os rituais, as encantarias presentes na espiritualidade do povo Kanindé, e como a soma destes elementos básicos darão a base para uma educação escolar indígena diferenciada e garanta o direito da inclusão de suas manifestações culturais na escola, e que estes saberes sejam tratado como ciência no cotidiano escolar e na formação dos alunos para resistência e garantias de direitos constitucionais.

Na Constituição de 1988, assegura-se aos índios no Brasil o direito de permanecerem índios, isto é, de permanecerem eles mesmos, com suas línguas, culturas e tradições, reconhecendo que os índios podem utilizar as suas línguas maternas e os seus processos de ensino e aprendizagem na educação escolar indígena, dando-lhes a possibilidade de a escola indígena contribuir para o processo de afirmação étnica e cultural destes povos e ser um dos principais

veículos de assimilação e integração com o meio, e ser ainda uma forma de garantia que os seus mitos e ritos sejam preservados, mantendo viva a essência do processo de educação diferenciado no ensino desenvolvido nas aldeias. Tais aspectos também são indicados pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, lançado pelo MEC em 1998.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB Nº 9.394/1996, estabelece normas para todo o sistema educacional brasileiro e fixa diretrizes e bases para educação nacional desde a Educação Infantil até a Educação Superior. A LDB atual (BRASIL, 1996) deixa claro que a Educação Escolar Indígena deverá ter um tratamento diferenciado do destinado às demais escolas dos sistemas de ensino, enfatizado pela prática do bilinguismo e da interculturalidade, que garantem a educação diferenciada nestas escolas.

3.1 Museus x escola e a presença da interculturalidade e interdisciplinaridade nos processos de educação do povo Kanindé.

Para Gomes (2012) o ponto de memória Museu dos Kanindé foi para a comunidade a primeira organização educacional e cultural, o local foi aberto ao povo da Aldeia Fernandes entre os anos de 1995 e 1996, foi decisivo com o acirramento da nossa luta pela terra, o movimento coletivo por uma escolar diferenciada em 1999, que marcou toda a aldeia com a busca de igualdade de direitos e uma educação diferenciada para o povo Kanindé.

Pensada a partir dos conhecimentos ancestrais dos velhos, no saber educar para a vida, que a escola se fundamenta, o termo foi utilizado pelo saudoso AZULÃO, liderança do povo Kanindé já falecido, onde há a concepção de que a escola é toda a aldeia, todos os espaços de memórias, lugares sagrados, lugares de caça, lugares de plantio, os mitos e ritos fazem e transformam o indígena para a luta.

Foi com este pensamento que o ponto de memória museu dos Kanindé se transforma no principal livro didático para a escola, o referencial curricular e teórico para as práticas educativas interculturais e interdisciplinares para os professores, espaço de formação contínua dos alunos mais ainda pouco utilizado pelos

professores do ensino fundamental anos finais e ensino médio, isso ocasionado pela não presença de disciplinas indígenas no currículo destas turmas.

É interessante também ser pautado que nossa intervenção pedagógica, servir como mecanismo de retroalimentar o movimento por uma educação escolar indígena cada vez mais próxima da realidade de cada povo indígena, viemos justamente para mostrar que a educação diferenciada parte da autonomia da escola em caracterizar o Ensino Indígenas às suas realidades locais práticas e vivências para afirmação étnica e resistência.

3.2 No chão da Aldeia

O projeto de intervenção foi proposto a escola visando estender seus espaços de formação de alunos ao ponto de memória Museu dos Kanindé, com o intuito de integralizar, Escola x Museu x Aluno, criando uma esfera educativa voltada ao fortalecimento das vivências destes alunos com o seu passado, com isso trabalhar conteúdos culturais da aldeia.

A metodologia utilizada foi a de pesquisa através de entrevistas, pois considero ser um método de coleta de informação que permiti ao pesquisador uma relação direta com o grupo estudado, e esta foi a intenção, pois precisava escutar todas as partes que fazem a escola, direção, alunos, professores, e depois um momento coletivo para socialização dos pensamentos de todos.

Figura 3 – Grupo de estudo formado por professores, lideranças e a



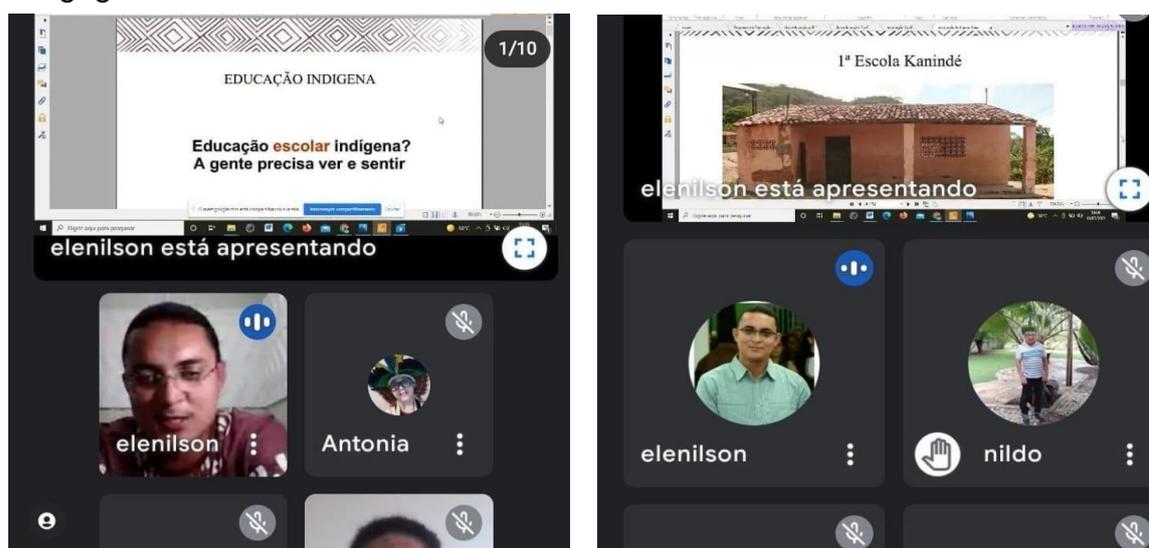
comunidade.

Fonte: Próprio autor (2017)

Na primeira etapa realizamos conversa com a direção da escola, fazendo apontamento das possíveis falhas na aplicação da proposta pedagógica da escola, bem como a ausência da disciplina de arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena, nas turmas de ensino fundamental anos finais e ensino médio, e os impactos que ocasionariam possivelmente a formação dos alunos com ausência destas disciplinas no currículo destas turmas.

Na segunda etapa, foi com professores, de forma remota, discutindo sobre o currículo e o PPP, e como trabalhar a interdisciplinaridade e interculturalidade em suas práticas docentes, elementos como a resistência do povo, lutas, ritos, devam está presentes em suas aulas, daí a importância de se ter o museu como espaço da sala de aula, pois lá estão contidos em um único espaço todos os dados históricos do povo.

Figura 4 – Encontro síncrono para discussão currículo e Projeto Político Pedagógico.



Fonte: próprio autor (2021)

A terceira etapa foi o desenvolvimento do problema foco da intervenção, discussão com professores e gestão da escola para atualização do currículo e do PPP da escola, com a indicação de trabalhar em todas as etapas de ensino da

escola a disciplina de arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena, tornando assim um currículo contextualizado com a realidade diferenciada a que se propõe a escola.

A turma escolhida para a intervenção pedagógica foi a 1º Ano do Ensino Médio, por ser uma turma em trânsito de uma etapa para outra, o projeto propôs a realização investigativa dos saberes que estes alunos já trazem com si, de suas vivências na aldeia e também de experiências vividas na escola quando estavam na educação infantil e ensino fundamental anos iniciais, tal ação serviu para fortalecer a afirmativa de que a escola é toda a aldeia, e que as práticas e vivências indígenas devam estar presente no cotidiano da escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos, com a intervenção interdisciplinar e intercultural na disciplina de Arte, Expressão Corporal, Cultura e Espiritualidade Indígena, na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, a inclusão de aulas interculturais e interdisciplinares no cotidiano da escola, os conteúdos indígenas agora estão presentes em todas as disciplinas, com unidades temáticas, objetivos de conhecimento e habilidades esperada para o conteúdo.

A intervenção possibilitou a rediscussão da proposta pedagógica da escola, com sua organização por eixos de aprendizagem, garantindo a presença de elementos e conteúdos indígenas em todas as etapas e níveis de ensino da escola, a discussão com professores e gestão motivou sobretudo a realização de grupos de estudo, para realização do etnomapeamento da comunidade, tornando o ato a primeira ação intercultural e interdisciplinar na escola. Fruto das discussões da intervenção junto à escola.

A ação foi muito importante para escola, pois integrou as disciplinas de geografia, biologia, história, matemática, português e os saberes dos troncos velhos da aldeia, fazendo deste modo acontecer uma educação intercultural e interdisciplinar no ambiente escolar, possibilitou a possível produção de materiais didáticos específicos do povo Kanindé, a partir da proposta de elaboração de projetos integradores por área do conhecimento.

Incentivar a inclusão destas práticas no currículo da escola foi fundamental para sucesso da intervenção, as experiências de professores e velhos da aldeia são relevantes para o sucesso da escola, tivemos como limitante agora, a pandemia mundial da covid19, que impossibilita ações mais concretas junto escola e museu.

As vivências foram parte fundamental para a ação, também da resistência por parte de alguns professores que ainda estão presos a práticas convencionais de ensino, mais também contamos com potencialidades dentro da escola, que auxiliaram no desenvolvimento da ação interventiva, contamos com a ajuda de ex-alunos da escola que hoje estão cursando humanidades na UNILAB, que demonstram muita sensibilidade com o tema, pois suas formações já trabalham o tema em suas formações acadêmicas, contamos também com apoio de professores da escola, mestrandos em antropologia e tem como tema de pesquisa a educação indígena, por estes motivos acreditamos que a intervenção pedagógica na escola terá sucesso.

REFERENCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. São Paulo: Saraiva, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referenciais para a formação de professores indígenas/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 2002. Referencial curricular Nacional para Educação Indígena.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CEARÁ. **Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Povo Kanindé. Projeto Político-Pedagógico**. Sítio Fernandes, Aratuba-CE, 2015.

LIMA, Thiago Halley Santos. **O conhecimento na escola indígena no Ceará: práticas de ensino diferenciado na escola indígena direito de aprender do povo Anacé**. 2017. 113 f. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Sociologia do Programa de Pós Graduação em Sociologia do Centro de Humanidades e do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2017.

DOS SANTOS, Antônio Nilton, et al., **A Importância do Ensino Indígena para Desenvolvimento da Criança Kanindé**. 2016. 33 f. Monografia (Graduação) - curso de licenciatura intercultural indígena, centro de humanidades , Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ce, UFC, 2016.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará**. 2012. 324 f. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

SANTOS, Cicero Pereira. Liderança indígena povo kanindé. Entrevista.

SANTOS, José Maria Pereira, Cacique soter, povo kanindé. Entrevista.

ANEXO**Figura 5** - Alunos na primeira escola ano 2004, dançando Toré.

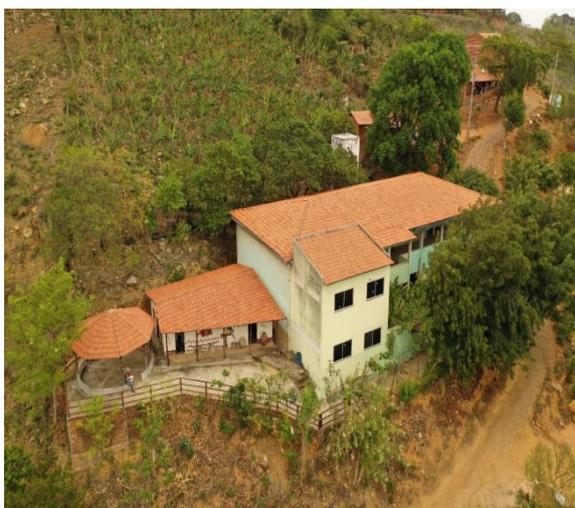
Fonte: Próprio Autor (2014)

Figura 6 - Aula de cultura para alunos infantil V 2019, fazendo colar.



Fonte: Gerlene Kanindé (2019)

Figura 7 – Mosaico dos espaços escola x museu



Escola vista aérea (2021)



Fachada da escola entrada (2021)



Ponto de memória museu Kanindé externo



Ponto de memória museu Kanindé interno

Fonte: Próprio autor (2021)

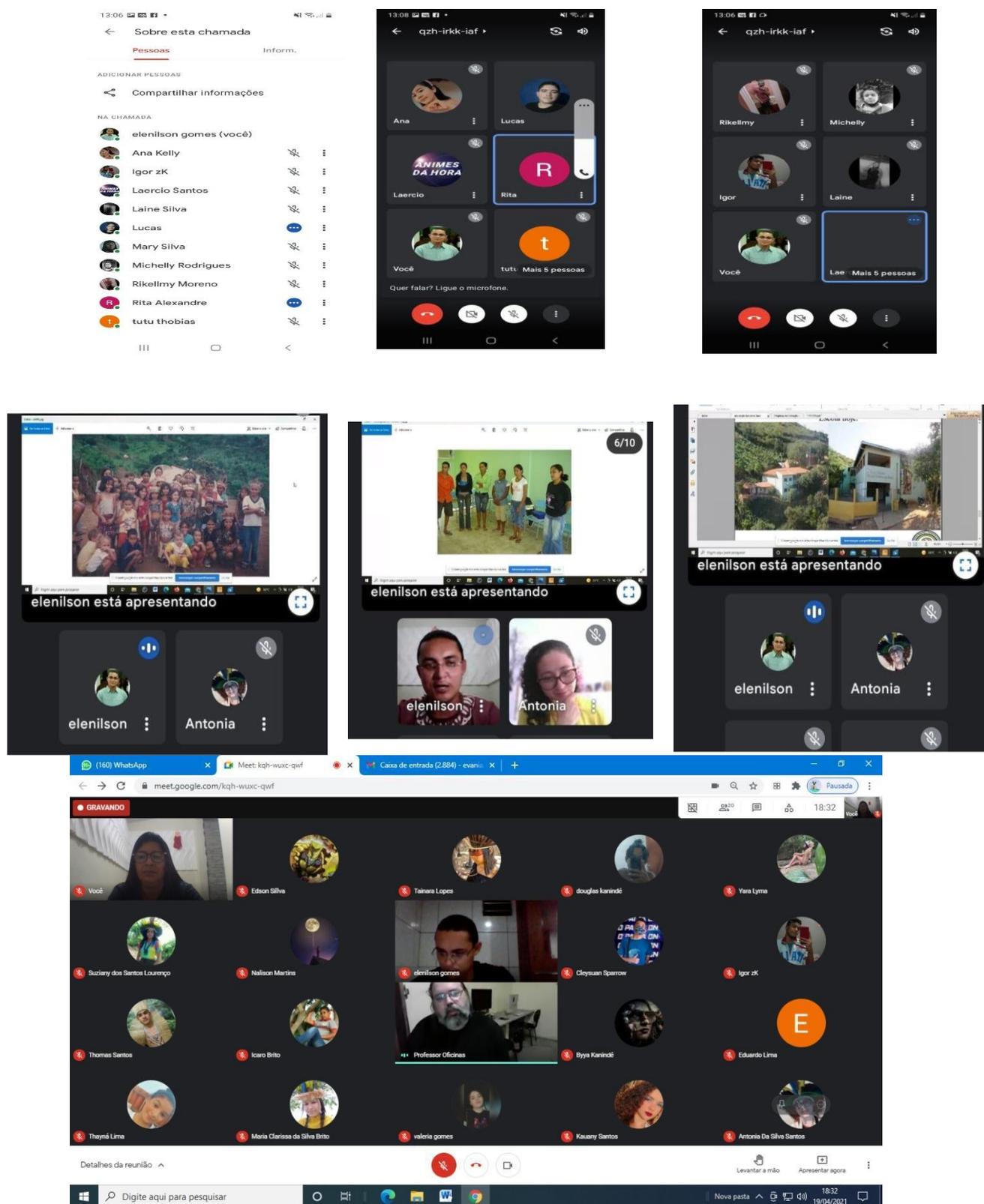
PROPOSTA CURRICULAR PARA ENSINO MÉDIO							
EIXO RESOLUÇÃO –CNE/CEB Nº 05/2012	Componentes Curriculares	Base Nacional Comum			Parte Diversificada		
		Anos			Anos		
		1º	2º	3º	1º	2º	3º
EIXO I Linguagem, língua oral Kanindé, artes, expressões culturais indígenas e espiritualidade.	Língua Portuguesa	x	x	x			
	Língua indígena (tupi)	x	x	x			
	Arte expressões corporais indígena e espiritualidade.				x	x	x
	Literatura e contos indígenas				x	x	x
	Inglês	x	x	x			
	Espanhol	x	x	x			
	Artes	x					
Educação Física	x	x	x				
EIXO II Matemática, Etnomatemática Indígena e compreensão de espaços e medidas tradicionais.	Matemática	x	x	x			
	Etnomatemática Indígena				x	x	x
	O espaço e medidas da aldeia				x	x	x
EIXO III Ciências da Natureza, saberes Indígenas e sua encantarias.	Biologia	x	x	x			
	Física	x	x	x			
	Química	x	x	x			
	Medicina Tradicional Indígena.				x	x	x
	Saberes Tradicionais do povo indígena kanindé: Terra, Água, Fogo, Astros e Ar				x	x	x
EIXO IV Ciências humanas, Cultura e sociedade indígena, legislação e política indígena.	História	x	x	x			
	Geografia	x	x	x			
	Sociologia	x	x	x			
	Filosofia	x	x	x			
	Filosofia e movimentos Indígenas				x	x	x
	Antropologia e a aldeia				x	x	x
	Direito, Legislação e Política Indígena.				x	x	x
	Povos Indígenas no Ceará, no Brasil e nas Américas.				x	x	x

Sítio Fernandes – S/N - Zona Rural – Aratuba-Ce
 E-mail: mfcosantos@escola.ce.gov.br Fone: 85 8956-5346
 CNPJ: 07.954.514/0057-80
 A cultura forma sábios; a educação, homens.

	Contação de Histórias dos povos indígenas						
TOTAL GERAL DA CARGA HORÁRIA		1.000					

1. Dias letivos : 200 (duzentos)
2. Carga horária anual mínima: 1.000 (uma mil) horas
3. Módulo Semanal : 40 (quarenta) semanas

Figura 9 - Mosaico dos encontros síncronos para realização das atividades propostas.



Fonte: próprio autor (2021)